



## ***ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: A CRIAÇÃO ARTÍSTICA COMO DADO DE SEMIOSE***

*Marta Claus<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo expor, através da arte de uma breve análise da vida e da arte de Arthur Bispo do Rosário, como a criação artística pode ser uma rica fonte de dado de semiose, conforme o conceito da Filosofia Clínica.

**Palavras-chave:** Arhtur Bispo do Rosário, semiose, arte.

### **Abstract**

This article aims to expose, through the art of a brief analysis of the life and art of Arthur Bispo do Rosário, how artistic creation can be a rich source of data of semiosis, as the concept of Clinical Philosophy.

**Keywords:** Arhtur Bispo do Rosário, semiosis, art.

*"Não faço isto para os homens, mas para Deus".*

*Bispo do Rosário*

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japarutuba - SE em 1909. Em 1925, muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha na Marinha Brasileira e na Companhia de Energia Elétrica do Rio de Janeiro - Light. "O passado de Arthur Bispo do Rosário é praticamente desconhecido. "Sabe-se apenas que era negro, marinho, pugilista, lavador de ônibus e guarda-costas." (MORAIS, 1989). Após um surto psicótico em 22 de dezembro de 1938, em que acreditou ter visto Cristo, descendo à terra, rodeado por uma côrte de anjos azuis, e afirmar ter recebido a missão de recriar o universo para apresentar a Deus no dia do Juízo Final, Bispo se abriga em um monastério que o encaminha ao Hospital dos Alienados na Praia Vermelha no Rio de Janeiro. Sem recuperar-se e, diagnosticado *esquizofrênico paranóide*, foi internado na Colônia Juliano Moreira onde permaneceu até sua morte em 1989.

A Colônia Juliano Moreira foi construída com o fim específico de atender aos doentes mentais diagnosticados incapazes de convívio social. Sua extensão de mais 7.400.000 m<sup>2</sup> propunha humanizar

---

<sup>1</sup> Filósofa Clínica, Mestre em Ciências Sociais da Religião, Doutora em Filosofia pelo Instituto Packter



a loucura e propiciar aos doentes um ambiente que desse a idéia de liberdade, pelo seu entorno, e assim possibilitar que os doentes com problemáticas afins pudessem conviver socialmente e até voltar a serem produtivos, ou seja, conseguirem executar tarefas consideradas úteis para o seu dia a dia. Durante algum tempo Bispo trabalhou na cozinha da Colônia, portanto era considerado um interno produtivo. Alguns doentes considerados “menos perigosos” tinham autorização para saírem da Colônia e voltarem quando quisessem. Mas, internamente a terapêutica ainda era a de submeter o cidadão à eletrochoques e contenção física através de instrumentos de intimidação, para assim manter o seu “humor” sob controle. Bispo, uns dos menos perigosos, tinha autorização para sair da Colônia, mas pelo que se sabe, nunca o fez. Mesmo vivendo em um espaço restrito e sem comunicação verbal efetiva com os outros e com o mundo criou mecanismos em sua malha intelectual produz por volta de mil peças com materiais retirados de seu cotidiano. No início dos anos 80, permite a visita periódica da estagiária de psicologia Rosângela Maria Magalhães Gomy, para quem dedica grande parte de seu trabalho. Em 1982, o crítico de arte Frederico Moraes inclui suas obras na exposição À Margem da Vida, no MAM/RJ. Passa a ser tema de filmes de curta e média-metragens, de livros e de peças teatrais. Em 1989, funda-se a Associação dos Artistas da Colônia Juliano Moreira com a finalidade de preservação de suas obras, que são tombadas em 1992, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural. Uma das maiores divulgações do seu trabalho foi em 1995, com uma vasta seleção de peças que representaram o Brasil na Bienal de Veneza. Hoje, sua obra se encontra reunida no Museu Bispo do Rosário, antes chamado Museu Nise da Silveira (embora este nome ainda seja o usual), localizado na ex-Colônia Juliano Moreira. Em 2003, a *Galerie Nationale du Jeu de Paume*, de Paris, exhibe 79 trabalhos do artista na mostra *La Clé des Champs et Arthur Bispo do Rosário*, que também reuniu uma seleção de 117 obras realizadas por pacientes com problemas mentais de diversos países. "Entretanto, o interesse na obra de Bispo reside no conjunto da produção com o seu método de trabalho, que consiste em uma metáfora romântica sobre ser artista: ele, no interior de sua cela, desfiava seus uniformes de interno para obter fios azuis desbotados com os quais bordava sua cartografia, mumificava os objetos do seu cotidiano. O artista desnuda-se, despoja-se para dar existência à obra, assinalando a transitoriedade do corpo em oposição à permanência do trabalho." (MESQUITA, 1989)

*“Rosário está próximo da arte contemporânea. Eu vejo procedimento estético, ele faz aquilo para a vida dele. É como se fosse religioso”.*

*Arrigo Barnabé*

A palavra estética vem do grego *aesthesis*, que significa conhecimento sensorial ou sensibilidade, e que foi re-conceituada pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) para nomear o estudo das obras de arte como criação da sensibilidade, tendo por finalidade o belo. Embora a expressão "estética" tenha uso recente para designar essa área da filosofia, ela já era abordada sob outros nomes desde a Antiguidade. Entre os gregos clássicos era freqüente o uso do termo poético



(*poesis*) para designar criação ou ação criadora, fabricação ou ação de fabricar, produção ou ação de produzir e era aplicado à poesia e a outras artes. Aos poucos, a estética passou a abranger toda a reflexão filosófica sobre a produção da obra de arte e tem, hoje, por objeto as artes em geral ou uma forma de arte específica. Engloba tanto o estudo dos objetos artísticos, como obra produtora de sentidos, quanto os efeitos que estes provocam no observador, abrangendo os valores artísticos e a questão do gosto.

Hodiernamente não existe mais a concepção de um único valor estético (o belo) a partir do qual são julgadas as obras de arte. Cada objeto artístico estabelece sua própria beleza, e este, será o tipo de valor pelo qual será julgada. Os objetos artísticos são belos porque são autênticos segundo seu modo de ser singular, sensível, e carregam significados que só podem ser percebidos por meio da experiência estética. A característica da estética contemporânea parece não pretender ser ciência normativa, nem partir de definições apriorísticas, parece também ter renunciado a fundamentar as possibilidades de uma atividade humana em presumíveis estruturas imutáveis do ser e do espírito. A experiência estética é feita de atitudes pessoais, de contingências do gosto, da sucessão de estilos e critérios formativos. A análise das intenções e a descrição das formas que dão origem a obra de arte são então a condição essencial para se chegar a conclusões gerais que descrevam as possibilidades de uma experiência que não pode ser definida normativamente. A estética a partir de Immanuel Kant, não estabelece uma teoria do belo, *a priori*, mas define as condições formais de um juízo estético. É no interior destes esquemas descritivos da experiência possível que se move uma variedade de experiências pessoais, cada qual assinalada por uma marca de originalidade. Em relação ao problema do juízo estético, tal como em relação aos outros problemas a ele ligados, a estética, como disciplina filosófica, pode ser considerada como uma fenomenologia de experiências concretas a fim de elaborar definições compreensivas de experiências estéticas possíveis sem lhes prescrever o conteúdo. Diz Kant: “o juízo-de-gosto não é, pois um juízo-de-conhecimento, portanto não é lógico, mas estético, pelo que se entende aquele cujo fundamento-de-determinação não pode ser outro do que subjetivo”. (KANT, 2002) A partir do conceito Kantiano pode-se tentar compreender os valores de beleza, presentes na obra de Bispo, pois este nos oferece uma espécie de reconciliação entre a razão e a imaginação, já que, na contemplação estética, a bela aparência que admiramos parece inteiramente penetrada dos valores do espírito. Vejamos o que nos diz Gullar sobre o Manto da Representação, manto este que deveria acompanhar-lhe na subida aos céus: “Se é um manto ou não, pode parecer uma questão sem importância. Não obstante, a designação 'manto' encobre a natureza do arquétipo social sobre a qual Bispo do Rosário elaborou. Esta obra nasce da imitação de uma peça do vestuário da nobreza: parte da roupa de um rei, ou de um general do exército real. Só o paletó interessa, pois nele se concentram os elementos simbólicos ostentatórios de poder e nobreza, como dragonas, bordados, condecorações. (...) o que temos aqui é a apropriação pelo artista de um objeto-símbolo que a seus olhos traduz riqueza, beleza, nobreza, (...). Vista desse ângulo, esta obra de Bispo do Rosário é,



como expressão artística, uma manifestação surpreendente por sua originalidade e força semântica." (GULLAR, 2003).

Harmonia pura, fora de todo móvel exterior à obra de arte, o belo, oferece à nossa imaginação a oportunidade de uma satisfação inteiramente desinteressada. Ela é, o exemplo único de uma satisfação ao mesmo tempo sensível e pura de todo egoísmo, é o momento privilegiado em que uma emoção, longe de manifestar um egoísmo dominador, liberta e "arrebata". Pois a experiência estética é fruto de quem ensaia, de quem constrói, de quem encontra, ainda que o faça explorando as paredes com a objetiva da máquina fotográfica. Podemos considerar que cada arte tem as suas próprias leis formativas, determinadas pelo material com o qual e sobre o qual trabalha, e tem, portanto, o seu destino específico e um determinado domínio de desenvolvimento. As mesmas experiências formais realizadas com técnicas diferentes conduzem sempre a um alargamento de horizontes, a uma evolução da sensibilidade, a novas expectativas do gosto.

*"A arte de Bispo do Rosário era sua forma de se comunicar com o mundo. Era a voz dele".*

*Margarida Manede*

Para compreender as obras de Bispo e elaborar qualquer *juízo* sobre a sua *poética* é necessário conhecer sua vida e a sua circunstância. O movimento de criação artística de Bispo do Rosário se deu no diálogo arte/loucura. Porém como diz Silva: É de se lembrar, ainda, que a loucura não é prenúncio obrigatório para a arte. (...) A esquizofrenia em si, não é pré-requisito para a criação. Bispo é caso raro. Rico e qualitativo, tanto para o estudo da loucura criativa, quanto da possibilidade de a desrazão se tornar, por meio da ação, um universo de expressão criativa ou do eu dissociado. Tem, ainda, relevância como vontade intrínseca e independência do ser, ainda que subjugado ao espaço de coação, sem condições ou reforços mínimos para a prática de qualquer forma de expressão (SILVA 2003).

Suas criações foram descobertas no início dos anos 80 e pularam o muro que as separava da sociedade ganhando grande destaque nas artes plásticas do país e repercussão internacional. Uma das razões da descoberta do conjunto da obra de Bispo é a luta pela reorganização do mundo e a resignificação de sua existência nela contida, além da singularidade dos materiais empregados e dos elementos repetitivos. Rosário desenvolveu artefatos que considerava "um inventário do mundo para levar a Deus", pois acreditava ser esta a sua missão. Recriou, uma singular representação de mundo para viver e suportar sua própria condenação.

Bispo se manteve, em todo tempo de interno, sob uma ordem sobrenatural de ordenação e reorganização do mundo, pelas "vozes" que dizia ouvir. E segundo o artista sacro, mineiro de Iguatama, Abelardo de Carvalho: "...é por mim considerado o maior e mais genuíno artista brasileiro. Nenhum outro foi tão profundo na sua pesquisa pessoal. Nenhum outro foi tão universal, tão ilimitado



e sagrado. Em tempo: Bispo não esculpiu santos, não decorou igrejas, nem nunca trabalhou com nenhuma espécie de tinta, telas ou cavaletes. A matéria prima de seu trabalho advinha do lixo recolhido no hospital, sucatas, restolhos e trapos de pano, que eram desfiados e posteriormente utilizados em seus bordados”.

Os trabalhos de Bispo diversificam-se entre justaposições de objetos e bordados. Nos primeiros, utiliza geralmente utensílios do cotidiano da Colônia, como canecas de alumínio, botões, colheres, madeira de caixas de fruta, garrafas de plástico, calçados; e materiais comprados por ele ou pessoas amigas. Para os bordados usa os tecidos disponíveis, como lençóis ou roupas. Consegue os fios desfiando o uniforme azul de internos. Bispo faz também estandartes, fardões, faixas de miss, fichários, entre outros, nos quais borda desenhos, nomes de pessoas e lugares, frases com respeito a notícias de jornal ou episódios bíblicos, reunindo-os em uma espécie de cartografia. Uma arte movida pela incessante busca da retomada da razão que, contém em si uma *poética* surpreendente.

*“Não sei porque crio, talvez seja uma forma de um solitário falar com o mundo”.*

*Gerald Thomas*

Bispo do Rosário recriou o mundo, através da reorganização de seu cotidiano, para levar com ele em sua apresentação ao Senhor, a Deus. Dizia ser esta a sua missão, uma sacração a Deus. O termo sagrado, aqui apresentado deve ser entendido como algo que recebeu a consagração, que cumpriu a cerimônia da sacração. É relativo à religião ou ao culto, é o que é sacralizado. O que recebeu caráter de santidade por meio de cerimônias religiosas. O que é venerável, respeitável. Já a sacração é o ato ou efeito de sagrar, de consagrar por meio de cerimônias religiosas. É a própria cerimônia., o ato ou efeito de atribuir caráter sagrado a algo. Sagrado ou sacro é objeto religioso em geral, ou seja, tudo o que é objeto de garantia sobrenatural ou que diz respeito a ela. Heidegger diz que o Sagrado não é Sagrado porque é divino, mas o divino é divino porque é Sagrado. A experiência criadora de Bispo do Rosário pode ser vista como uma sacração já que, sua obra foi composta para que no dia de sua passagem se apresentasse a Deus, com um manto especial, como representante dos homens e das coisas existentes no mundo.

No prólogo do Evangelho Segundo São João, 1-11 que diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito. Nele havia vida e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam. (...) [O Verbo] era a verdadeira Luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.” (BIBLIA SAGRADA, 1984) podemos identificar elementos que nos remetem à estrutura *sagrada* presente na obra de Bispo. Quando São João diz que



Ele, [O Verbo] estava no mundo, que o mundo foi feito por Ele e que o mundo não reconheceu, pode-se entender que o mundo mesmo sendo uma manifestação divina e Ele [Deus], seja o criador do mundo, não é reconhecido por ele [mundo] como seu criador.

Quando, então, Bispo tem seu primeiro surto psicótico e afirma que Deus [Ele] lhe ordenou que reorganizasse o mundo, passou a fazê-lo desde o seu cotidiano. Bispo encontra sua força de criação enquanto *descoisifica* a realidade tal como é vista consensualmente. Devolve às coisas o seu sentido mais-próprio deixando com que elas sejam aquilo que são e para o que são, e coloca a mostra o seu Ser. Bispo as consagra em sua obra. Cria e recria seu significado no processo de reorganização daquilo que o mundo não reconhece como obra criadora. Ao retirar uma caneca de seu uso *para beber* e inseri-la em uma nova organização o artista lhe devolve a força do seu Ser que é antes, a gênese das ações das tarefas cotidianas que determinam a utilidade do objeto. É pela força do sagrado que Bispo mantém e preserva toda a criação de sua obra.

Mesmo confinado à liberdade da loucura edificou dentro de um espaço restrito a sua obra. Foi livre na limitação e na representação. Bispo transcendeu à sua condição de interno falou para o mundo com a sua arte.

A originalidade que reveste a obra de Bispo é fruto de vários fatores a ausência de formação acadêmica, a sua não relação com tempo cronológico, a falta de convívio social, e escassez de matéria prima especializada. Na solidão de seu ser reside a sua determinação. Ao reunir objetos banais na Colônia Juliano Moreira transforma-os em obras e instalações surpreendentes. E segundo Mello: um ser que não teve ateliê, nem incentivo por parte do meio, construiu uma obra impulsionado por seu interior, de uma extrema contemporaneidade, rompendo e pondo em questão os próprios meios de que a arte se faz". (MELLO, 2000). Bispo estava empenhado em registrar sua vida de modo mais ou menos metódico, como prova a coerência interna de sua obra. Há uma distribuição de seus elementos no espaço, há um esforço de ordenação, pela simetria, e por um acabamento. O que dá valor à sua obra, entre tanta outras coisas, é maneira pioneira e peculiar como ele descarregou sua experiência de vida numa forma estética.

Bispo constrói um universo e em suas *viagens*, em suas lutas o seu cotidiano é retomado com tal intensidade que transcende e dissipa a esfera pessoal. Da vida faz uma imprevista experiência, produzindo com ela, a partir de seus fragmentos, uma obra que inaugura discursos para realidades de que nos faz co-participantes. Produto de sua produção torna-se artista. Age movido exclusivamente pela fé, respeitando a *voz do além* que dita ordens de trabalho. A partir de um ato de sensibilidade intelectual *escolhe* um manicômio como morada e, internalizado dos conflitos extremos que marcam as relações humanas, faz surgir um mundo novo com novos significados.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense. 10 ed., 1986.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo, Ars Poética, 1992.



- \_\_\_\_\_. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- BURROWES, Patrícia. *O Universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Apresentação Janice Caiafa. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 94 p., il. color.
- GULLAR, Ferreira. *Relâmpagos: dizer o ver*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. Janeiro: Edições 70, 1997. 73 p.
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário – O Senhor Labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da razão prática*. Trad. Afonso Bertagnoli. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e estética na modernidade*. Org. CERON, Ileana Pradilla. REIS, Paulo. São Paulo: SENAC São Paulo. 1999. 248p.
- SILVA, Jorge Anthonio e. *Arthur Bispo do Rosário – Arte e Loucura*. São Paulo: Quaisquer. 2003. 120 p.

### Catálogos

- MESQUITA, Ivo. *Arthur Bispo do Rosário*. GALERIA: revista de arte, São Paulo, n. 17, 1989.
- MELLO, Luiz Carlos. *Flores do abismo*. In: *MOSTRA DO EDESCOBRIMENTO, 2000, SÃO PAULO. Imagens do inconsciente*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.
- MORAIS, Frederico. *A reconstrução do universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. In: ARTHUR Bispo do Rosário: registros de minha passagem pela terra. Belo Horizonte: Museu de Arte, 1990.
- ROSÁRIO, Arthur Bispo do. *O Inventário do universo*. Apresentação Frederico Morais. Rio de Janeiro: MAM, 1993. 2 fs. dobradas, il. p&b color.

### Outras Fontes

- BRASIL em Veneza: Arthur Bispo do Rosário, Nuno Ramos. Apresentação Edegar Cid Ferreira. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1995. [26] p., il. color.